

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

LARISSA BARBOSA LEAL

***MORBUS ET REMEDIUM: UM ESTUDO SOBRE O MAL DO AMOR NA
POESIA LATINA***

**PARINTINS-AM
2022**

LARISSA BARBOSA LEAL

***MORBUS ET REMEDIUM: UM ESTUDO SOBRE O MAL DO AMOR NA
POESIA LATINA***

Trabalho de Conclusão de Curso de
Letras- Língua Portuguesa e Literatura,
da Universidade do Estado do Amazonas,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras.

Orientador Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste

**Parintins- AM
2022**

LARISSA BARBOSA LEAL

***MORBUS ET REMEDIUM: UM ESTUDO ACERCA DO MAL DO
AMOR NA POESIA LATINA***

Aprovada em : __/__/2022.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste (CESP-UEA)
Orientador

Professora Doutora Gleidys Meyre da Silva Maia (CESP-UEA)
Membro interno

Professora Mestre Maria Ozana Lima de Arruda (CEST-UEA)
Membro externo

Para Mãe Lili (in memoriam)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	3
ABSTRACT	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1. MORBUS: O MAL DO AMOR NA POESIA LATINA	7
1.1. A SUBMISSÃO DE PROPÉRCIO	7
1.2. OBSESSÃO E DESVARIO NA POESIA DE CATULO	11
1.3. O AMOR IRRACIONAL EM TIBULO	15
1.4. ASPECTOS DO AMOR COMO TORMENTO NOS AMORES DE OVÍDIO	19
CAPÍTULO 2 – REMEDIUM: CAMINHOS PARA A CURA DO MAL DO AMOR	24
2.1. REFLEXOS DO EPICURISMO E O CUIDADO DE SI	24
2.2. CONJECTURAS DE REMEDIA AMORIS: A ARTE DA CURA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida, por insistir em mim e principalmente me dar forças todos os dias.

À minha mãe Liliane Barbosa e meu tio Nelson Leal, meus guias no caminho da educação, sou grata pelo apoio de sempre. Essa caminhada não seria possível sem a compreensão e estímulo de vocês.

Ao meu orientador pela oportunidade de conhecer o mundo Clássico, participar de um projeto de extensão e publicação de trabalhos. Além da paciência e dedicação neste percurso, o meu muito obrigada.

Aos meus amigos de Urucará e Parintins pelas palavras de motivação e carinho, a vocês sou grata pelo conhecimento compartilhado e a admiração mútua.

Ao meu namorado, pelo incentivo, por não me deixar desistir e entender minha ausência para a dedicação desta pesquisa.

Ao grupo das meninas da Casa do Estudante pelo acolhimento, carinho e compreensão, saibam que vocês deixaram esses dias mais leves.

Ao grupo “Chorando pro TCC” onde compartilhávamos inseguranças, teóricos e dificuldades da linha de pesquisa, vocês são guerreiras, minhas classicistas.

À Casa do Estudante pela estadia nesses quatro anos, bem como a Universidade do Estado do Amazonas pela oportunidade de ingresso acadêmico e seus respectivos benefícios.

Agradeço enfim a todos que contribuíram direta e indiretamente para este caminho até aqui.

RESUMO

Os principais objetivos deste trabalho monográfico são: analisar o amor como doença nas poesias dos respectivos poetas clássicos: Catulo, Propércio, Tibulo e Ovídio; apresentar formas de combater a doença do amor, através de preceitos filosóficos, dentre eles, o poema didático *Remedia Amoris*, do poeta Ovídio. Os poetas serão o objeto principal do primeiro momento da pesquisa, que visa analisar elementos do amor como um mal, no ciclo amoroso de cada um, representados em suas elegias. No segundo momento, apresentamos formas de combater a doença do amor por meio da filosofia do cuidado de si, das instruções epicuristas e do poema *Remedia Amoris*. Por se tratar de um poema que fala especificamente dos remédios para o amor, ele será válido para extrair as lições para um bem estar do corpo e da mente, visto que a agonia do amor sucumbe em um *Morbus*. A análise do poema complementa assim a segunda parte da pesquisa.

Palavras-chave: Doença; Amor; Literatura; Poetas Clássicos; Filosofia.

ABSTRACT

The objectives principal of this monographic work is: to analyse love as an illness in the poetry of the respective classical poets: Catullus, Propertius, Tibullus and Ovid; to present ways to fight the illness of love, through philosophical precepts, among them, the didactic poem *Remedia Amoris*, by the poet Ovid. The poets will be the main object of the first moment of the research, which aims to analyse elements of love as a sickness, in the love cycle of each one, represented in their elegies. In the second moment, we present ways to combat the illness of love through the philosophy of self-care, epicurean instructions and the poem *Remedia Amoris*. As it is a poem that speaks specifically of remedies for love, it will be valid to extract lessons for a well-being of the body and mind, since the agony of love succumbs in a *Morbus*. The analysis of the poem thus complements the second part of the research.

Key words: Illness; Love; Literature; Classic Poets; Philosophy.

INTRODUÇÃO

Muito se discute a respeito do amor e seus prazeres, mas o que acontece quando este amor não é correspondido? Existe limites para ele? Até onde um ser humano pode ir por paixão? O sofrimento do amor parece uma temática atual, mas sua existência vem desde a Antiguidade. Este trabalho nasce do interesse de estudar o amor na poesia latina, especificamente o amor como um mal. Além da arte e música, as poesias também faziam parte da cultura de Roma, neste tempo, conhecido como época de ouro.

Dentre os poetas clássicos que se destacaram neste período, serão objetos principais de análise nesta pesquisa Catulo, Propércio, Tibulo e Ovídio. Os poetas possuem em comum a habilidade de entoar canto aos seus amores fracassados. Suas musas, que são perversas, perturbam a mente dos poetas e serão o centro de cada elegia.

Sobre a poesia elegíaca, convém reforçar que ela foi “introduzida em Roma por Cornélio Galo, recebeu características latinas graças a Tibulo e a Propércio, que abandonaram as narrações mitológicas, entregando-se às descrições dos sentimentos pessoais” (NOGUEIRA, 1991, p.40). Veyne (1983, p.10) reforça que é uma das artes mais sofisticadas da literatura e da história, a mais desconhecida também.

Acerca da similaridade encontrada entre os poetas, ou seja, os elementos que são passíveis da doença do amor, Carlos Ascenso André (2006) em seu trabalho *Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do século I* faz uma retomada destes elementos na poesia de cada poeta, enquanto a isso, o estudo pretende complementar os pontos mencionados pelo autor como a irracionalidade, obsessão, desvario e submissão.

Os objetivos específicos desta pesquisa serão analisar o mal do amor retratado nos poemas de Catulo, e nas elegias de Propércio, Ovídio e Tibulo; buscar e apresentar formas de curar esta doença, através de conceitos filosóficos que frisem na reeducação emocional do amante ferido. Desta forma, o trabalho terá dois momentos distintos.

No primeiro capítulo desta pesquisa será feito um recorte das elegias de acordo com sua temática. A primeira análise será a respeito do poeta Propércio e sua característica submissa, vamos entender como o poeta é levado à ruína de sua mente e corpo ao se apropriar da posição de servo de sua amada, conheceremos o lugar comum deste ciclo, o *seriutum amoris*.

Na segunda análise trataremos das contradições em Catulo, bem como sua obsessão por Lésbia, musa primeira, e que o fará perder o discernimento, desencadeando

coletas para o estudo da doença do amor. Na terceira análise, falaremos de Tibulo e seus dois amores, Délia e Márato. Vale ressaltar que não trataremos do amor homossexual nesta pesquisa, nenhuma reflexão neste sentido será realizada – o que temos em mente é que esta segunda paixão do poeta se encaixa na temática do “mal do amor” pelo fato de o poeta sentir uma enorme paixão por Márato, se tornando totalmente irracional.

A terceira e última análise do primeiro capítulo será a respeito do Livro I dos *Amores*, de Ovídio, onde o centro da análise serão os conflitos do poeta com o amor. O poeta reclamará por várias vezes com as divindades e pedirá consentimento do deus cupido para que possa escrever a respeito dele, e assim descreve símbolos do tormento do amor.

Na segunda parte desta monografia, nos debruçaremos em averiguar quais as formas e conceitos possíveis para a parte do *Remedium*. Este segundo capítulo terá dois tópicos, um para explicar os conceitos do cuidado de si, na perspectiva de Michael Foucault, com o seu livro *História da Sexualidade III. O cuidado de si*, e apresentar lições de uma vida calma, feliz e equilibrada, guiando-se pelas fontes epicuristas e o outro trata-se de uma análise do poema *Remedia Amoris* de Ovídio, que contém preceitos filosóficos em forma de lições. Aí, também, exploraremos o tópico que retrata algumas dessas inspirações a respeito do Epicurismo, bem como o estudo do cuidado de si, buscam apresentar semelhanças conceituais nas formas de cuidado com o corpo e mente. Considerando que no primeiro capítulo há um *Morbus Amoris*, este agora precisará de uma cura.

Por fim, complementando o segundo tópico do capítulo II, apresentaremos uma análise do poema Erotodidático *Remedia Amoris*. O mesmo possui vários aspectos filosóficos que serão de suma importância para atribuir formas de viver longe dos perigos causados pelo amor, perigos esses que muitas vezes vão além da extremidade.

Dentre as conjecturas do poema, pretende-se catalogar os principais elementos nocivos, que prejudicam a alma do amante enfermo e depois mostraremos, o que segundo o autor, pode ser evitado, através do ensinamento de sua arte.

Para a parte de excertos de obras, usaremos textos em latim e suas respectivas traduções, bem como o suporte teórico para cada tópico. Para a parte das análises do primeiro capítulo, no apoiaremos nas obras do Professor Carlos Ascenso André, especialista em poesia latina amorosa, poetas clássicos e temas elegíacos.

Para a segunda parte da pesquisa, o sustento será para o primeiro tópico, a obra do filósofo Michael Foucault (198), além de Gomes (2003) e Oliveira (2010). E seguindo

com o último tópico, o apoio teórico serão as dissertações da professora Gabriel Orosco (2016) e (2011) para articular os preceitos dos remédios do amor, bem como Gonçalves (2019) que contribui para a análise da estrutura do poema. Quanto aos excertos de poemas a serem citados, citaremos o excerto latino seguido de uma versão poética em língua portuguesa, cujos tradutores poderão ser conferidos na bibliografia deste trabalho.

Este será o caminho que pretendemos percorrer para contribuir com a temática do amor como doença no âmbito dos estudos da poesia latina, esforçando-se para alcançar os resultados esperados, com o cumprimento dos objetivos aqui expostos.

CAPÍTULO 1. *MORBUS*: O MAL DO AMOR NA POESIA LATINA

*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

Catulo

1.1. A SUBMISSÃO DE PROPÉRCIO

Podemos entender o amor como uma moeda: de um lado o amor traz regozijos e do outro lado vê-se tormentos para o homem apaixonado. O poeta elegíaco Sexto Aulo Propércio, 43 a. C., retoma em sua poesia reflexos destes tormentos, onde o próprio poeta é vítima desse doce mal, que seria o amor não atendido. Em Propércio será analisado a sua posição de servo, senão escravo do amor que tem por Cíntia. O termo submisso se manifesta no comportamento do poeta, uma vez que ele demonstra uma fácil flexibilidade em atender os caprichos de sua amada. Por sua lealdade, exagerada e cheia de abusos é que acaba se tornando presa de sua própria passividade.

O ciclo amoroso de Propércio descreve o sentimentalismo, excesso de devoção e lamentações por ferimentos causados à alma do poeta pela indiferença da donzela Cíntia, mulher casada e amante do poeta, será o motivo pelo qual Propércio se orgulha amar, apesar dessa paixão ter traços de doença. Vai se observar que a característica que permeia a elegia do poeta é sua cegueira amorosa e sua extraordinária submissão. “Foi muitas vezes amante e ao mesmo tempo servo da amada, mas a ímproba Cíntia parece ser indiferente aos sentimentos que lhe foram dedicados” (OLIVEIRA, 2014, p.102).

Este subcapítulo será inteiramente dedicado às análises das Elegias 1; 3; 7; 11 e 12 do Livro I do Propércio, a fim explorar sua posição enquanto amante e submisso desse *Morbus Amoris*, expressão que remete ao lugar comum das elegias eróticas do tempo de Propércio e seus predecessores, a do amor como doença. Podemos começar a observar logo no excerto abaixo a fidelidade exacerbada como sintoma desta doença:

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,
contactum nullis ante Cupidinibus.
Tum mihi constantis deiecit lumina fastus
et caput impositis pressit Amor pedibus,
donec me docuit castas odisse puellas
improbis, et nullo uiuere consilio.
Et mihi iam toto furor hic non deficit anno,
cum tamen aduersos cogor habere Deos (Prop. 1.1.1-8).*

Cíntia, a primeira, me prendeu com seus olhinhos,
um coitado intocado por Cupidos.
Então Amor tirou-me a altivez do olhar
e esmagou minha testa com seus pés
até que me ensinou sem pejo a odiar

moça casta e a viver em desatino.
Já faz um ano que o furor não me abandona
e ainda sofro os Deuses contra mim.

A submissão do poeta por Cíntia é notória no trecho acima, essencialmente quando ele recorda nunca antes ter sido ferido pelo Cupido. Porém, após o contato esmagador com este sentimento sua consciência foi totalmente acometida e desde então a agonia da paixão vive em seu peito. Propércio lamenta ainda que este sentimento perdura atormentando sua alma. Esta posição do poeta fomenta o seu papel bem desempenhado de *servitium* «servo», ao qual é perceptível em outras cantos. Oliveira (2009, p.23) recorda que o *servitium amoris* expressa a ideia do amante como ser totalmente manobrado, sem vontade própria.

Montagner (2020, p.7) afirma que o destino de Propércio “é amar sempre. Por isso sofre dolorosamente, impondo-se a uma vida de *nequitia* (dissipação, dissolutez, degradação social), em confronto com a dignidade humana e com sua condição social”. Este misto de sentimentos, alimentados pelo charme e indiferença de Cíntia, desencadearam uma relação de fidelidade duvidosa, como mostra estes versos da elegia 1.3, em que depois de desconfiar que sua amada se regozijava em braços alheios, é acusado por ela de fazer o mesmo:

Tandem te nostro referens iniuria lecto
alterius clausis expulit e foribus?
Namque ubi longa meae consumpsti tempora noctis,
languidus exactis, ei mihi, sideribus?
O utinam talis perducas, improbe, noctes,
me miseram qualis semper habere iubes!
Nam modo purpureo fallebam stamine somnum,
rursus et Orpheae carmine, fessa, lyrae;
Interdum leuiter mecum deserta querebar
externo longas saepe in Amore moras:
dum me iucundis lapsam Sopor impulit alis.
Illa fuit lacrimis ultima cura meis (Prop. 1.3.31-46).

Por fim a injúria devolveu-te ao nosso leito
depois de te expulsarem de outra porta?
Pois onde consumiste inteira a minha noite,
chegando exausto quando os astros somem?
Safado! Eu quero que tu sofras noites como
as que sempre impuseste a uma coitada!
Cansada, eu enganava o sono no fio púrpura
e na lira de Orfeu fiava um canto.
Por vezes, solitária e já sem voz, chorei
tua demora num Amor alheio,
então Sópor de amáveis asas derrubou-me.
Assim curei por fim as minhas lágrimas.

No fragmento acima, Cíntia alega sofrer por Propércio, enquanto ele, supostamente estaria passando a noite com outra mulher. Este jogo de insinuações acaba

por atentar que, embora sofresse e fosse escravo de sua paixão, Propércio ainda conseguia discernir certos acontecimentos. Uma vez que ele cita as características da amada que o prendera, também menciona que a mesma o ensinou a odiar, deste modo, é certo pensar que a indiferença de sua amada acarreta num amor doentio, onde havia desavenças mútuas.

Mais a diante, na elegia 1.7, Propércio lamenta não cantar atos gloriosos e feitos heróicos como Homero e outros poetas: a de dedicar cantos, especialmente, alegres, pois o mesmo encontrava-se perdido na própria ilusão, refém de um amor agoniante. O poeta reitera que busca combater este infortúnio, mas neste combate não obteve sucesso, em vez disso, ele deduz que se tornou mais escravo da dor do que do próprio talento. Com todo este misto de sentimentos, o poeta sente o futuro e lamenta a situação em que se encontra:

Dum tibi Cadmeae dicuntur, Pontice, Thebae
armaque fraternae tristia militiae,
atque, ita sim felix, primo contendis Homero
(sint modo Fata tuis mollia carminibus),
nos, ut consuemus, nostros agitamus Amores 5
atque aliquid duram quaerimus in dominam;
nec tantum ingenio quantum seruire dolori
cogor et aetatis tempora dura queri (Prop. 1.1.7-8).

Enquanto cantas, Pôntico, a Tebas de Cadmo
e as armas tristes do fraterno exército
e – quem dera fosse eu! – competes com Homero
(que os Fados sejam leves com teus cantos!);
eu, como de costume, fico em meus Amores 5
e busco combater a dura dona,
mais escravo da dor do que do meu talento,
e lamento o infortúnio desta idade.

Costumeiramente o que se observa dos indivíduos dominados pelo sentimento da paixão é que são menos racionais, motivo esse por qual acabam por ser facilmente manipuláveis, logo, é comum que passem a pensar compulsivamente. Nesta esteira, acompanha-se que os poetas elegíacos como Ovídio, Tibulo e Propércio costumam escrever a respeito deste declínio emocional, de forma que alcance aqueles a qual o amor não correspondeu. Em Propércio essa servidão é comumente demonstrada, a presença de Cíntia é tudo que o poeta espera em troca de sua serventia:

O sujeito poético mostra-se, ainda, completamente dominado pela amada, à qual se subjugava como se de um *seruus* se tratasse¹⁵. Desta forma, desde que esteja junto da amada e obtenha os seus favores, predispõe-se a realizar todo o tipo de trabalhos, por mais degradantes que sejam, bem como a suportar os sofrimentos e castigos associados à condição de servo (GONÇALVES, 2008, p.209)

Nota-se nas elegias de Propércio que Cíntia, sem sombra de dúvidas era a razão de sua vida. Ela, além de amante era para ele o principal motivo de seu bem estar, se

estavam bem, tudo ia bem, caso contrário haviam conturbações a se enfrentar. Neste trâmite é possível perceber o amor dependente e escravo que suscita nas elegias. O poeta menciona que dependendo de como se encontra emocionalmente, a causa sempre será Cíntia, ela é quem é seu lar, sua fortaleza e sinônimo de alegria, como bem mostra estes versos da elegia 1.11:

Ei mihi nunc maior carae custodia matris
aut sine te uitae cura sit ulla meae!
Tu mihi sola domus, tu, Cynthia, sola parentes,
omnia tu nostrae tempora laetitiae.
Seu tristis ueniam seu contra laetus amicis,
quicquid ero, dicam 'Cynthia causa fuit (Prop. 1.11.20-30).

Ai de mim! que não penso nem na mãe querida
se não te tenho – e pouco importa a vida!
Só tu és lar, só tu, ó Cíntia, pai e mãe,
tu – todos os momentos de alegria!
Se alegre ou triste eu visitar os meus amigos, 25
como estiver – direi “a causa é Cíntia”.

Embora a relação entre ele e Cíntia não fosse sadia, um exemplo é a presença do temido ciúme, “É possível que Propércio, ou antes, o Ego que ele traz em cena, sofra menos com o ciúme do que considera temíveis as correntes da paixão, que na Antiguidade era considerada como uma fatalidade trágica, uma escravidão, uma ilustre desventura” (BARBOSA, 2016, p.302) o poeta se mantém firme em sua veneração, tornando-se passivo em várias situações para estar perto de sua amada e ter sua atenção, acerca disso, Carlos André aponta que:

Apesar de tudo, o poeta-amante não cede. Permanecerá fiel ao seu amor por Cíntia. Não lhe será possível_ *non faz est*, expressão de uma enorme força que envolve, ao mesmo tempo, uma dimensão ética e, até, religiosa e, ainda, jurídica e física_ amar outra nem desistir desta mulher (ANDRÉ, p.323, 2006).

Se estas demonstrações de extrema ternura vieram de influências, diga-se de passagem, que tanto Catulo quanto Propércio encontraram em suas musas uma fonte de inspiração. A saber, Propércio seguiu o caminho de pôr em lamentações tão bem fundamentadas, a sua expressão, seja ela de servo do amor ou escravo desse sentimento, de qualquer forma, mesmo que fosse na poesia, tanto importava a lógica de viver, desde que tivesse o amor de Cíntia como principal sustento:

Felix, qui potuit praesenti flere puellae
(non nihil aspersis gaudet Amor lacrimis),
aut, si despectus, potuit mutare calores
(sunt quoque translato gaudia seruitio).
Mi neque amare aliam neque ab hac desistere fas est:
Cynthia prima fuit, Cynthia finis erit (Prop.1.12.15-20).

Feliz quem pôde o pranto em presença da amada
(Amor adora o salpicar de lágrimas),
ou desprezado pôde mudar seus ardores

(há prazer em trocar de escravidão).
Pra mim nefasto é que outra eu ame ou largue desta:
Cíntia, a primeira – Cíntia será a última.

Este amor relutante e vassalo é ainda mais perceptível quando o poeta, mesmo com suas dores, romantiza o sofrer por sua amada, ao dizer que amor adora o salpicar de lágrimas, reafirmando assim o orgulho que ela é a primeira e única em sua vida. Cíntia, por sua vez, era “volúvel, incerta inconstante; forçava o poeta a longas esperas, a pesadas humilhações; concedia-lhe, é certo, de tempos a tempos, alguns instantes, pouco mais que fugazes, mais de submissão que de conquista” (ANDRÉ, 2006, p.231).

Propércio, por fim, usa a passividade para compensar suas frustrações internas, ocasionadas de expectativas que deposita em Cíntia: “os beijos frequentes de uma mãe, a irmã ou a amiga que dormem com ela. «Tudo me fere»- confessa, «Vivo em temor (perdoa este temor) :/ na minha miséria cuido que sob a túnica de uma mulher se oculta algum varão»” (cf. MEDEIROS, 2012, p.91). Aqui, pode se observar claramente que o poeta possui um ciúme exacerbado pela amante, o que seria um fator contribuinte para o seu destino de submissão.

André (2006, p.231) pontua que não há dúvida que Cíntia era perversa, mas ainda assim o poeta mantinha por ela uma obsessão, mas se pode ser considerado amor não sabemos, o que temos é a certeza que de que o canto foi o que sobrou desses amores. Por fim, Propércio não vê cura para o seu padecimento, mesmo enxergando seus defeitos e alertando a outros homens sobre o perigo que ela oferece, não deixa sua obsessão e serviço, no contrário, orgulha-se.

1.2. OBSESSÃO E DESVARIO NA POESIA DE CATULO

O livro de Catulo traz poemas que mencionam vários conflitos internos no poeta, motivado pela paixão por Lésbia. O poeta, muitas vezes se encontra perdido em suas inseguranças por causa deste amor que avassala e desorienta o seu pensar. Neste segundo subcapítulo será analisado alguns pontos importantes de seus poemas, onde observaremos os elementos que fomentam esta teia de desvario, obsessão e padecimentos demonstrados pelo poeta. Desta forma, os poemas selecionados para esta pesquisa são o V; LI; LXXV; XCII e CIX do livro de Catulo.

O relacionamento de Lésbia e Catulo é representado nos poemas como uma teia conturbações, ao se tratar da temática do amor como outras poesias elegíacas, elenca

aspectos contraditórios, acerca da paixão do poeta pela musa. O desvario acaba se propagando em diversas situações, onde ele retrata sempre que Lésbia o machuca. Sobre o poeta, Carlos Ascenso André (2006, p.230) diz que:

Embora Catulo não reconcilie os vários “eu” na sua poesia, identifica-os num conjunto complexo de relações mútuas, incompatível com a redução a uma prática discursiva unitária ou experiência de si. O seu discurso poético não reconstitui a fragmentação do amante, mas dá corpo às contradições e incompletude inerentes à condição do próprio desejo.

Conforme esta releitura, pode-se dizer que as características contraditórias do poeta, que uma hora ama e na outra odeia, corroboram para uma definição sobre a sua conduta, que estaria totalmente acometida pela cegueira de uma paixão obsessiva. Este, sentimento, mesmo relutante, perdura em uma extrema veneração. Lésbia tem seu amor, não importa o que aconteça:

Soles occidere et redire possunt;
Nobis cum semel occidet brevis lux,
Nox est perpetua una dormienda.
Da mi basia mille, deinde centum.
Dein, cum milia multa fecerimus,
Conturbabimus ilba, ne sciamus,
Aut ne quis malus invidere possit,
Cum tantum sciat esse basiorum. (Catul. V)

Os sóis podem morrer e renascer;
Nós uma vez que morre nossa breve luz;
Devemos dormir uma só noite eterna.
Dá-me mil beijos, depois cem,
Então mil outros, então outros cem,
Depois, sem parar, outros mil, depois cem.
Então, quando somarmos muitos milhares,
Misturaremos todos, para não sabermos,
Ou para que nenhum invejoso possa pôr mau-olhado,
Ao saber quantos foram os beijos.

No excerto acima, observa-se que o poeta faz questão de envaidecer-se com sua paixão, ignorando qualquer tipo de desaprovação social, pois segundo ele, são opiniões que não valem um centavo. Catulo possui um excesso de sentimentalismo, convenhamos pensar que há uma similaridade com Propércio neste ponto, pois ambos se apoiam na estrutura elegíaca que compõe um certo tipo de poesia, embora haja também a questão da influência, foi nesse caminho que houve um apogeu acerca da temática do amor:

Assim é que de todo os temas cantados pelos poetas do séc. I a.C., o amor ocupa lugar de incontestável primazia, ao contrário do que sucedia na obra poética daqueles que em Roma os precederam. Essa é, sem dúvida, uma das grandes transformações ocorridas na literatura ao longo deste século e que levou já a que atividade dos poetas aqui estudados fosse apelidada de “revolução elegíaca”. (ANDRÉ, 2006, p.205-206).

Sua obsessão também é notória quando ele ressalta que pretende confundir seus telespectadores invejosos com os excessos de carinho e beijos, exibindo assim, sua paixão

e distraíndo aqueles que querem o mal de seu relacionamento. Podemos entender esta vontade de Catulo, junto ao sentimento de posse que não esconde de sua amada, como uma perspectiva de não distanciamento, ele não consegue imaginar uma vida sem Lésbia. Acerca dessas características da escrita e expressão do autor, Picanço e Souza (2017, p.8) comentam que:

O amor que consome o poeta-amante em chamas assim pisa as fronteiras da lucidez e se desenha um terreno propício a contradições quase absurdas, a que faz conviver, em uma só pessoa o amor e o ódio, usando palavras de pares contrários.

No Carmen LI, Catulo descreve algumas mudanças físicas quando avista sua amada Lésbia. Como um verdadeiro venerador, ele detalha os efeitos que a paixão o causa. É interessante observar esses detalhes, pois o mesmo se considera infeliz, criando assim um apoio emocional em sua amada, ora pois, só o sorriso doce daquela a quem ama, arrebatava sua alma triste:

Dulce ridentem, mísero quod omnis
Eript sensos mihi; nam simul te,
Lesbia, aspexi, nihil est super mi
Vocis in ore,
Lingua sed torpet, tenuis sub artus
Flamma demanat, sonitu suo pte
Tintinant aures, gemina teguntur
Lumina nocte (Catul. LI.5-11).

Sorrindo docemente, o que arrebatava a mim, infeliz
Todos os sentidos, pois assim que te
Vejo, Lésbia, nem um fio de vez
Resta em minha boca,
A língua, porém, se paralisa; uma chama sutil
Se espalha pelos meus membros; com ruído interno
Tintinam os ouvidos, os olhos se cobrem
Com dupla noite.

É importante dizer que esta entrega no amor, era algo comum nas obras dos poetas da antiguidade, considerando o contexto social de Roma, desde as conturbações políticas até as experiências amorosas, eram carregadas de intensidade e melancolia. Os clássicos então traziam para as suas poesias a contextualização das duas faces do amor: sofriam e amavam, como bem recorda André (2005, p.40):

Tais eram as marcas mais distintivas do amor em Roma, nos últimos anos da República, ou, pelo menos, tais foram os traços que dele nos deixaram os poetas que assim o celebraram: exacerbado, feito de arrebatamentos, dominado pela paixão, ou seja, por definição, irracional, contraditório, obsessivo, como se nele, no amor, consistisse no único projecto de vida.

Atentamo-nos então, para o Carmen LXXV, que notoriamente se observa o mal deste amor obsessivo: ao se decepcionar com sua donzela, Catulo, embora reconheça que sofre, afirma que não deixará de amá-la, não importa o que ela faça. Ao mencionar que seu espírito se desviou por culpa dela, percebe-se que as atitudes más de sua amada o

tornaram desconfiado e inseguro. Este mal acarreta numa autoflagelação, Catulo lamenta sua ruína, concluindo que seu amor aumenta, embora a afeição se acabe:

Huc est mens deducta tua,
mea Lesbia, culpa,
Atque ita se officio perdidit ipsa suo,
Vt iam nec bene uelle queat tibi, si optuma fias,
Nec desistere amare, omnia si facias (Catul. LXXV.1-4).

A tal ponto o meu espírito se desviou,
Minha Lésbia, por tua culpa,
E ele próprio se arruinou, por sua fidelidade,
Que já não pode querer-te bem,
Ainda que te tornes a melhor mulher do mundo
Nem deixar de te amar, seja o que for que fizeres.

Aqui é possível acompanhar o processo de desilusão do poeta, ao ponto que cada decepção amorosa o desanima embora não a ponto de esmorece-lo. Catulo tornou-se refém de seu amor por Lésbia, nutria uma desconfiança por sua amante por saber de seu caráter infiel, ainda assim, tudo suportava. A intensidade dos encantos de sua bela dona sucumbia num efeito *morbus* ofuscando, assim, sua razão.

Um amor conturbado, como este, demonstrado em Catulo é uma linha tênue entre o medo e o desespero. O poeta diz que Lésbia o difama, coisa que ele também assume fazer. É curiosa a forma com que ele se orgulha disso, pois é como se dissesse que se odeiam e se amam ao mesmo tempo. O ápice está na frase passional que se refere à uma paixão doente “Que eu morra, se não a amo” como se assim tivesse que provar sua grande obsessão:

Lesbia mi dict semper male nec tacet umquam
De me; Lesbia me dispeream nisi amat.
Quo signo? Quia sunt totidem mea; deprecor illam
Assidue, uerum dispeream nisi amo (Catul. XCII.11-4).

Lésbia fala sempre mal de mim nem se cala nunca
A meu respeito; que eu morra, se Lésbia não me ama.
Como sei disso? É que eu faço o mesmo; xingo-a
Continuamente, mas que eu morra, se não a amo!

Longe de ser um amor saudável, os poemas mostram insultos, traições, e outras situações que comprometiam a racionalidade do poeta. Ainda assim, ele prosseguia orgulhoso deste sentimento. Em um dado momento, chega a pedir uma garantia de sua amante de que este amor prevaleça:

Ioocumdum, mea uita, mihi proponis amorem
Hunc nostrum inter nos perpetuumque fore.
Dei magni facite ut uere promittere possit,
Atque id sincere dicat ete ex animo,
Vt liceat nobis tota perducere uita
Aeternum hoc sanctae foedus amicitiae (Catul. CIX.1-6).

Tu me garantas, minha vida, que este nosso amor
Há de ser agradável e eterno entre nós.
Deuses poderosos, fazei que ela possa prometer de verdade
E o diga sinceramente e do fundo do coração
Para que nos seja possível fazer, por toda a vida
Este pacto eterno de uma sagrada amizade.

Embora o amor seja um sentimento genuíno, que une pessoas, o mal que ele oferece talvez esteja no apego incondicional, bem como na expectativa que o amante deposita no outro. Filósofos, pensadores, antigos e contemporâneos demonstram em suas obras o entusiasmo ou falta de incentivo no que tange os assuntos do coração, aconselhando a prudência para com esse doce mal. Platão, por sua vez é um dos pensadores que reflete uma relevância a respeito da importância deste sentimento, como bem discorre Barrenechea (2015, p.129):

O filósofo ateniense parte de uma visão transcendente, que coloca o sentido do amor para além da vida humana; conforme a sua ótica, esse sentimento terrestre, que começa no nosso mundo, seria um primeiro passo para aproximar-nos do Belo em si mesmo, e elevarmo-nos ao perfeito mundo das ideias.

É fato que o amor, propriamente dito deveria ser uma coisa boa, é isto que o filósofo ateniense tenta nos alertar, o objetivo seria encontrar o Belo um no outro, alcançar o mais alto nível de intimidade do outro e ainda sim, amar e respeitar isso, no contrário não é bem isso que acontece e está claro na poesia destes representantes de escravidão amorosa. A paixão passa de um sossego para um lugar de desvario, agonia e dor.

Catulo, assim como Propércio dedica seus cantos para uma musa em específico. Lésbia é esta musa, que assim como Cíntia para Propércio, é o motivo de sua agonia. Mais do que a similaridade entre as paixões é a forma com que o poeta recebe esse traço de cantar o amor para além de seus limites. Esta releitura das contradições de Catulo é que dão margem para entender que todo seu ressentimento e obsessão por Lésbia resultam das características da natureza do próprio poeta, que intensamente vivenciava os “doce males” do amor e depositava toda a sua dependência em Lésbia.

1.3. O AMOR IRRACIONAL EM TIBULO

Tibulo foi um dos primeiros poetas latinos a abrilhantar os tempos de Augusto com sua arte, abordando a temática amorosa, ficando ao lado de Galo, Ovídio e Propércio. “É nessa escola, se assim podemos chamar-lhes, e nesse contexto que se formam os Catulos, Tibulos, Horácios, Propércios e Virgílios” (ANDRE, 2010, p.206). Pois bem, a temática

deste t3pico, a qual sucumbe no lugar-comum desta pesquisa «*morbus*» 3 a irracionalidade, que ganha visibilidade principalmente em seu primeiro livro. Tibulo cantara sobre seus poss3veis amores, sendo eles: D3lia, N3mesis e um jovem chamado M3rato. Abordaremos neste t3pico os ciclos de D3lia e M3rato. Ainda, entre os dois, Andr3 (2015, pg.16) conclui que a maior catarse amorosa gira em torno de M3rato, sendo assim um amor mais intenso do que aquele por D3lia.

Sobre este primeiro amor “ardente foi a paix3o de Tibulo por D3lia, mulher que lhe proporcionou momentos de alegria e de dor, de sonhos e desenganos. O poeta. Por v3rias vezes, desejou libertar-se desse amor” (NOGUEIRA, 1991, p.45). Era ent3o a mulher a qual Tibulo entoava cantos, aconselhava sua arte e era totalmente dependente de sua at3n3o. Por D3lia o poeta lamentava, sorria e n3o menos importante: padecia os infort3nios de um amor irracional: “quantum est auri pereat potiusque smaragdi, | quam flect ob nostras ulla puella uias” (Tib.1.1.51-52). «Oh! Que antes esmeraldas todas e ouro findem | a chorar uma mo3a as nossas rotas».

Nos versos acima 3 poss3vel observar que o poeta optara pelo amor antes de qualquer coisa. Tibulo ressalta que prefere a destrui3o de todo ouro ou joia do que ver uma mo3a chorar por sua aus3ncia durante as viagens que fazia. O segundo momento em que D3lia aparece como centro das elegias ocorre numa situa3o em que a donzela est3 trancada em seus aposentos enquanto Tibulo, pr3ximo da varanda suplica que ela deixe seu marido de lado e viesse ter com ele:

Ianua, iam pateas uni mihi uicta querelis,
neu furtim uerso cardine aperta sones,
et mala siqua tibi dixit dementia nostra,
ignoscas; capiti sint precor illa meo:
te meminisse decet quae plurima uoce peregi
supplice, cum posti florida sarta darem.
Tu quoque ne timide custodes, Delia, falle;
audendum est: fortes adiuuat ipsa Venus; (Tib.1.2.5-16).

Porta, abras para mim, vencida pelas queixas,
e n3o soes o gonzo, aberta a furto.
E se minha loucura te lan3ou insultos,
perd3o, suplico que meu cr3nio esmague.
Conv3m lembrar-te as s3plicas que proferi
ao p3r em teus umbrais grinaldas fl3reas.
Tu tamb3m, D3lia, engana sem medo teus guardas;
coragem: V3nus favorece os fortes.

Esta atitude, al3m de impr3pria, espelha o desvario do poeta, ele acaba mostrando a irracionalidade que esse amor o proporciona. Mais tarde, n3o menos importante, o poeta canta a trai3o de D3lia, a qual lamenta que mesmo tendo buscado ref3gio na bebida e nas amantes, n3o consegue se livrar deste mal:

Saepe ego temptaui curas depellere uino:
at dolor in lacrimas uerterat omne merum.
Saepe aliam tenui: sed iam cum gaudia adirem,
admonuit dominae deseruitque Venus;
tunc me discedens deuotum femina dixit,
et pudet et narrat scire nefanda meam.
Non facit hoc uerbis, facie tenerisque lacertis
deuouet et flauis nostra puella comis: (Tib.1.5.37-44).

Não raro, na bebida afoguei minhas mágoas,
porém a dor vertera o vinho em lágrimas.
Não raro, tive outra: quando ia gozá-la,
me fez lembrar da amada e foi-se Vênus.
A mulher se afastou e disse, com pudor,
que eu fora enfeitiçado pela amada.
Não é magia. Minha menina me encanta
com ternos braços, face e louras tranças.

A ideia de amor repassada por Tibulo é de tranquilidade, mesclada por seu amor ao campo e Délia está inserida neste âmbito até certo ponto. Seu lamento torna-se ainda mais intenso na medida em que chega a seu entendimento o fato ter sido traído, agora o amante ferido chateia-se por saber que sua amada usará sua arte de engano com outro. Tomado pelo ato irracional de tristeza chega a amaldiçoar uma suposta alcoviteira que teria ajudado sua amada que agora se encontra nos braços de uma amante mais afortunado:

Sanguineas edat illa dapes atque ore cruento
tristia cum multo pocula felle bibat;
hanc uolitent animae circum sua fata querentes
semper, et e tectis strix uiolenta canat;
ipsa fame stimulante furens herbasque sepulcris
quaerat et a saeuis ossa relictas lupis (Tib.1.5.49-54).

Ela coma sangrento repasto e, com rubra
boca, beba de fel amargas taças;
em volta dela, os fados lamentando, adejem
almas; dos tetos atra estrige cante;
por dura fome enlouquecida, busque em túmulos
ervas, e ossos por lobo atroz largados.

Tendo em vista a complexidade dos relacionamentos de Tibulo, pode se compreender que as perdas, traições e tristezas representada em seus cantos são oriundas das paixões mórbidas, cujo amante é refém. Esses elementos representados são similares entre os poetas aqui analisados, conforme Carlos André (2006, p.234):

A intensidade dos sentimento é tal que toda a lucidez parece esvair-se. O que, de resto, não constitui surpresa: a paixão não é o domínio do bom senso o da razão, é da esfera de emoções, dos afectos, dos sentimentos. É por definição, uma forma de submissão imposta, não uma acção premeditada; na paixão, como a própria etimologia sugere, o sujeito é passivo, o mesmo é dizer, responde pouco pelos seus actos. Daí que seja, acima de tudo, irracional.

Falaremos agora do segundo amor mencionado, a de Márato na elegia 1.4 de Tibulo. Embora a homossexualidade não seja o foco desta pesquisa, esta elegia foi escolhida para discutir a posição de Tibulo enquanto submisso de sua paixão por Márato

e toda a irracionalidade causada neste embalo amoroso é responsabilidade desse sentimento doentio. Nesta elegia, Tibulo falara da arte de engano tal qual Ovídio, o mesmo segue e ensina os preceitos das investidas mútuas e suplica a Márato, um jovem que além de aprendiz é também a segunda paixão de Tibulo:

Heu! heu! quam Marathus lento me torquet amore!
Deficiunt artes, deficiuntque doli.
Parce, puer, quaeso, ne turpis fabula fiam,
cum mea ridebunt uana magisteria (Tib.1.4.81-84).

Ai! Quão longo tormento é meu amor por Márato!
Falham ardis e falham artificios.
Rogo, menino, poupa-me! Que não debochem
de mim, por rirem de meus vãos preceitos.

O “jovenzinho” como é chamado por Tibulo é temido pelo poeta, pois o mesmo reconhece sua fraqueza ao se apaixonar pelo rapaz e receia ser enganado. Este jovem que além de aprendiz é também a segunda paixão de Tibulo, faz com que o poeta suplique que não o faça de bobo desdenhando assim seu amor e seus ensinamentos. Em outro momento, Márato surge na elegia 1.9 inserido no contexto de uma traição ao infeliz poeta:

Quid mihi, si fueras miseros laesurus amores,
foedera per diuos, clam uiolanda, dabas?
A miser, et siquis primo periuria celat,
sera tamen tacitis Poena uenit pedibus.

Por que juravas pelos deuses, se trairias
às escuras meus míseros amores?
Ah, infeliz! Se alguém oculta seus perjúrios,
mesmo tarde vem Pena em mudos passos. (Tib. 1.9. 1-4).

No passo em que sucede este acontecimento, as interpretações do que outrora tenha sido esta traição sucumbe em comportamentos específicos de um escravo do amor. Analisado aqui já o desvario, o *seriutum amoris*, cabe aqui também a racionalidade cantada que vai fazer jus a essa temática, conforme André (2015, pg. 32):

Será, talvez, o poema onde maior é a intensidade dos sentimentos de Tibulo e que condensa, numa só elegia, uma parte dos excessos que perpassam em outros poetas, como Propércio ou Catulo: a paixão exacerbada, o desvario, o despeito pela traição, a raiva, a indignação, de novo o desvario, o ódio.

Continuando ainda na elegia 1.9 com a intenção de ressaltar os pontos citados por André, no que diz respeito a ênfase a tal desvario que vai desde o sentimento de posse pelo rapazinho quanto a flagelação do seu eu em meio a circunstância de traição:

Saepe insperanti uenit tibi munere nostro
et latuit clausas post adoperta fores.
Tum miser interii, stulte confisus amari:
nam poteram ad laqueos cautior esse tuos.
Quin etiam attonita laudes tibi mente canebar,
et me nunc nostri Pieridumque pudet.

Por mim, não raro, súbito, achegou-se a ti

e, encoberta, ocultou-te atrás das portas.
Perdi-me, infame, ao crer em teu amor: cautela
deveria ter tido com teus laços.
Até cantava, com ardor, canções a ti:
de mim, de minhas Musas envergonho-me. (Tib. 1.9. 39-48).

A circunstância ilustrada no canto acima remete à ideia de um amor ferido que deseja o mal para aquele que o traiu. Este exemplo da traição de Márato mostra como o poeta reagia a essas decepções, ele conhecia bem seu amante a ponto de saber que ele o traía. Após essa demonstração de infidelidade, o ego ferido dá espaço para a raiva, o poeta deseja então que a mulher com quem o jovem lhe traiu seja tão perversa quanto ele. Tibulo segue então a linha do canto dos desafortunados no amor, mostrando a paixão desvairada e seu aspecto irracional.

1.4. ASPECTOS DO AMOR COMO TORMENTO NOS AMORES DE OVÍDIO

De acordo com Zélia Cardoso (*apud* CARDOSO, 2021, p.14) “o poeta lírico mais versátil dentre os que viveram na época de Augusto foi Publio Ovidius Naso, nascido em 43 a.C., com sua morte sendo entre 17 ou 18 d.C.”. Com esta afirmativa é que inicio esta análise acerca dos elementos que refletem o amor como um tormento em seu livrinho. Sendo ele o “ultimo poeta elegíaco da época de Augusto, Ovídio, iniciou sua produção literária seguindo a tradição latina estreada por Catulo e reforçada por Tibulo e Propércio” (CARDOSO, 2021, p.14). Desta forma conclui-se a linha de similaridade entre os quatro poetas que cantam o amor como um mal.

Na obra *Amores*, Ovídio dará voz através de seus três livros ao amor em si. Isso inclui uma abordagem acerca de sua dualidade, sendo ele, como já dito aqui um “doce mal” pois, Ovídio antes de começar a ensinar sobre a arte da sedução e do engano precisou de uma fonte de onde saíam tais ensinamentos, e esta fonte nada mais é do que o amor e suas múltiplas formas. O que destacaremos serão os elementos incertos e contraditórios que resultam em um tormento, sustentando assim a ideia de desafortunados no amor – como nomeia o poeta as vítimas do cupido. Contradições estas que envolvem ódio, amor, regozijo e agonia. Temas recorrentes na obra de Ovídio, tal como observa Carlos Ascenso André (2011, pg.78):

Os mesmos temas repetem-se, de um a outro livro, alternam, enlaçam-se, numa imbricada teia. Procurar, nesse emaranhado, unidade temática será, talvez, tarefa vã. A não ser a que resulta do tema genérico que unifica o conjunto, o amor, entidade vaga, digamos, e conceito impreciso, como se viu. Talvez tenha sido essa a razão que levou o poeta a adotar para a sua obra um título plural, *Amores*.

Assim, o foco principal será no livro I; onde, ao iniciarmos logo nos primeiros versos nota-se que o amor, na figura do Cupido, é visto como um “menino cruel” responsável pela dor e tormento de seus alvos. A flecha certa de Cupido pode ser entendida como um símbolo alusivo ao pressuposto de que o amor é capaz de ferir e atormentar.

Questus eram, pharetra cum protinus ille soluta
legit in exitium spicula facta meum,
lunaitque genu sinuosum fortiter arcum,
“quod” que “canas, uates, accipe” dixit “opus!”
Me miserum! certas habuit puer ille sagittas.
uror, et in uacuo pectore regnat Amor. (*Am.* 1.1.21-26)

Acabava eu de queixar-me, quando ele, de pronto, abriu a aljava,
escolheu os dardos aprontados para me arrasar,
dobrou com vigor sobre o joelho o arco recurvo
e disse: “Toma lá, ó poeta, assunto para cantares!”.
Desgraçado de mim! Certeiras foram as setas daquele menino!
Todo eu me inflamo, e no coração vazio passa a reinar o Amor

Estas conotações fazem parte da estrutura da poesia dos poetas, a pequena permissão dos deuses, era como se eles usassem desses acontecimentos pessoais ou não, para homenageá-los, o que segundo André (2015, p.209) “pode afirmar-se que estes são poetas que cantam o amor porque amaram; se na vida ou se, apenas, na poesia, é, para o caso, pouco relevante”.

Além da *militia amoris* «termo que faz alusão à fusão de amor e guerra» visto que era comum os poetas da era de Augusto referenciassem acontecimentos históricos em suas obras, temos também, segundo serignolli (*apud* CARDOSO 2021, p.20) “o *seruitium amoris*”, que, segundo a autora, evidencia os dois polos da guerra amorosa, em uma ponta o Amor, vitorioso e comandante da batalha, na outra o amante, cativo e submisso às vontades da amada condenado à servidão e militância”. Termo este já visto em Propércio e Tibulo.

Apesar do poeta declarar que antes era um homem vazio e que agora o amor reina em seu coração, o ato também remete ao fato dele se referir ao cupido como um menino cruel, o que caracteriza o temor do poeta em receber tal fardo sentimental. Já o traço da agonia acerca do amor junto à ideia de servidão “porque assim é, o seu espírito semeia-se de contradições, à maneira de Catulo, um dos seus antecessores no canto de amores desencontrados” (ANDRE, 2011, p.85). Conforme os questionamentos acerca desta percepção do amor pela ótica dos poetas, faz-se necessário acrescentar que os termos de

servidão e uma certa imploração por amor, tende a ter a beleza como principal causa.

Oliveira (2015, p.22):

O tema do *exclusus amator* liga-se à servidão amorosa e ao *paraklausithyrion* ‘junto de uma porta fechada’ nos fr.29.51-56=845M, que testemunham uma tentativa de arrombamento. Para além destas expressões, cuja carga semântica implica atracção, submissão e simpatia, onexo entre beleza e amor é explicitado no fr.27.21=735M: *at metuis porro ne aspecto et forma capiare altera* ‘Mas então receias ser seduzido por uma outra, pela sua aparência e beleza’.

Voltando ao temor deste tormento, podemos observar noutro excerto que até mesmo Ovídio, que costuma fazer jogos com as artes de engano e sedução, também ele não está imune à mira do Cupido:

tunc quoque non paucos, si te bene nouimus, ures;
tunc quoque praeteriens uulnera multa dabis.
non possunt, licet ipse uelis, cessare sagittae;
feruida uicino flamma uapore nocet. (Am. 1.2.43-46)

Mesmo então, não poucos, se bem te conheço, vais inflamar,
mesmo então, ao passar, muitas serão as feridas que vais fazer;
não são capazes de descansar, ainda que tu mesmo o queiras, as tuas setas;
o ardor da chama é nefasto a quem lhe está próximo, com seu bafo.

A metáfora do ferimento da flecha condiz com a agonia do amante ao ser tocado por este sentimento nefasto e cheio de euforia. O *morbus* aqui ganha força por demonstrar tamanha enfermidade quando se passa noites em agonia, muitas feridas vai causar, muitos corações inquietos. Mais à frente, noutro verso, o poeta deixa transparecer aquela característica já discorrida aqui sobre o desvario do amante, ao suplicar que sua amante o ame de forma recíproca, eis aí o mais alto nível da paixão conturbada:

Iusta precor: quae me nuper praedata puella est,
aut amet aut faciat, cur ego semper amem!
a, nimium uolui – tantum patiatur amari;
audierit nostras tot Cytherea preces!
Accipe, per longos tibi qui deseruiat annos;
accipe, qui pura norit amare fide! (Am. 1.3.1-6).

É justo o que peço: que a moça que ainda há pouco me cativou
ou tenha amor por mim ou faça com que tenha eu amor por ela.
Ah, foi demasiado o meu desejo! Que apenas consinta em ser amada,
e já Citereia terá ouvido todas as minhas súplicas.
Aceita quem há de servir-te por longos anos,
aceita quem saberá amar com candura e lealdade.

É preciso se atentar a propaganda que o poeta faz da sua fidelidade. Que assim como Tibulo não dá importância a luxo e bens materiais, em vez disso, ostenta lealdade e estabilidade. Ele canta que suas fortunas não são de posses, nomes ou riquezas, mas de honestidade e candura. Há também promessas e juras no canto apaixonado:

tu mihi, siqua fides, cura perennis eris.
tecum, quos dederint annos mihi fila sororum,
uiuere contingat teque dolente mori! (Am. I.3.16-18).

Tu, se alguma fidelidade existe, hás de ter o meu cuidado para sempre;
contigo, quantos anos me concederem os fios tecidos pelas Irmãs,
esse me caiba em sorte vivê-los, e, perante a tua dor, morrer.

Assim como Catulo, Ovídio canta frequentemente em seus versos a questão dos paradoxos e incertezas que este amor turbulento traz. Lembra-se que Catulo é costumeiramente chamado de poeta contraditório, não tão longe dele, Ovídio segue este caminho para demonstrar as facetas do amor, assim como estipulou jogos prazerosos para seus seguidores, Ovídio vem atentar para uma outra temática, aquela em que o amor possui suas amarguras, como enfatiza André (2005, pg.38):

Como se foram dois lados de um precipício por onde, fatal e forçosamente,
têm de caminhar, como se foram o dia e a noite que não podem deixar de
mutuamente se suceder, como se a estrada do amor fora corda bamba sobre o
abismo, incerta e insegura.

É válido recordar que Ovídio é como um mestre do prazer, ele ensina seus discípulos, sejam eles homens e mulheres a seduzir seus parceiros. Porém, neste livrinho, ao que parece, o poeta revela sem medo que se torna vítima de sua própria arte, estando ele fora do controle de sua maestria e deixando-se atormentar pela doença do amor:

Me miserum! monui, paucas quod prosit in horas;
separor a domina nocte iubente mea.
nocte uir includet, lacrimis ego maestus obortis,
qua licet, ad saeuas prosequar usque fores. (Am.1.4.59-62).

Desgraçado de mim! Estive a ensinar o que pode ser útil para o curto espaço
de umas horas;
sou, agora, separado da minha amada, por vontade da noite.
A noite, é o teu marido que há de fechar-te; eu, entristecido e desfeito
em lágrimas,
até onde me for consentido, seguir-te-ei, até junto às portas cruéis.

Seu lamento se dá após sua amante o deixar de lado à noite para estar com o seu marido depois de estar na sua companhia durante um banquete. O poeta a ensina como precisa se portar durante a noite e desabafa que já é um custo grande estar longe dela, e ao final da noite ela irá embora com seu marido. Desafortunado com a situação, o poeta se encontra num estado de raiva e desconsolo.

Sobre a similaridade em que encontramos nos poetas, no decorrer desta pesquisa deixo a ressalva que Ovídio apesar de muito brincar com a arte de engano, também representa em seus cantos as características deste amor que vai além dos limites, sobre tal similaridade “É o que sucede em todos estes poetas, particularmente os quatro mais

citados nestas páginas, Catulo, Propércio, Tibulo e Ovídio (posto que, neste último, seja bem mais rara a cedência a essa perda e lucidez” (ANDRÉ, 2006, p.234).

Como se pode observar, nem mesmo o mestre dos jogos de sedução esteve imune aos caprichos da doença do amor. Este amor que os poetas clamam trazem reflexões acerca de infidelidade, servidão e obsessão. Enquanto ao discernimento dos poetas, percebe-se que muitas vezes são representados no meio dos cantos, através das expressões de arrependimento, ou seja, apesar de enfermo, o amante consegue identificar o que lhe causa a doença e seguem assim mitigando seus sofrimentos.

CAPÍTULO 2 – *REMEDIUM*: CAMINHOS PARA A CURA DO MAL DO AMOR

*Vtile propositum est saeuas extinguere flamas
Nec seruum uitii pectus habere sui.*

Ovídio

2.1. REFLEXOS DO EPICURISMO E O CUIDADO DE SI

O caminho traçado até aqui, tem se empenhado em descrever, comentar e analisar as diferentes formas de sintetizar a loucura e doença do amor, na perspectiva dos poetas elegíacos, que dedicavam-se a esta temática muito comum na época, como bem pontua Carlos André (2006, p.209) “a ideia de que a vítima do poder do amor sofria de uma espécie de doença que lhe afectara a mente veio a ser mais corrente na elegia latina do que era na poesia grega”. De qualquer forma, a julgar pelo desdobramento deste estudo, é notório que esta temática já vinha sendo discutida no âmbito da Literatura Latina.

Nos deslocaremos agora deste trajeto de análises comparativas entre os poetas elegíacos, no intuito de avaliar o *morbus amoris*, para os elementos que caracterizam um *Remedium* para a alma e para fomentar esses elementos nos apoiaremos na Obra de Foucault (1985) e em alguns traços da Filosofia Epicurista que tanto contribuem para um equilíbrio da alma. Veremos tanto Tibulo, quanto Propércio manifestam alguns desses conceitos em suas obras, ou seja, os mesmos poetas que lamentam seus amores desafortunados são os que muitas vezes aconselham a desviar deste mal. Esses conselhos carregados de sabedoria e autodomínio serão considerados os remédios repassados para os amantes doentes, ao mesmo tempo que lamentam suas agonias amorosas.

O precursor deste trabalho de cura é Ovídio que dedica-se a ensinar suas artes, sejam elas de amar, enganar e/ou até mesmo curar. “Escreveu versos que levaram os homens ao sofrimento; importa dar-lhes meios para de tal dor se libertarem, para triunfarem sobre o malefício que assim foi lhes causado” (ANDRE, 2010, p.94). De acordo com este pensamento, é possível perceber que o poeta assume o papel de curandeiro da doença que ele próprio anunciou.

Portanto, antes de se estender para Ovídio, é válido se atentar às contribuições de Propércio e Tibulo que já foram aqui mencionados nas análises acerca do mal do amor e que agora estarão nesta segunda parte, para um caminho do cuidado da alma. Além das bases filosóficas que concentram neste trabalho do bem estar, sendo elas o epicurismo e

o cuidado de si. Acerca desta última, pode se dizer que há várias discussões a respeito desta filosofia, a exemplo me estendo a esta relevante abordagem referente ao conceito não só deste cuidado, mas do conhecimento de si, desta vez pela ótica aristotélica, conforme Aggio (2017, p.190):

Uma das coisas mais difíceis é ter controle sobre a própria mente e uma das coisas mais perigosas é não ter controle sobre ela. Nada mais explica tão bem a razão pela qual o governo de si mesmo é o principal mote da ética antiga, mote este que, em verdade, não deixa de ser absolutamente atual e sempre. O governo de si implica conhecimento e cuidado de si.

Dado essa introdução, começaremos esta discussão com a primeira base filosófica que é a do cuidado de si, especificamente a retratada no subcapítulo *O Trabalho da Alma da História da Sexualidade III o cuidado de Si*- obra do pensador Michel Foucault onde se apresenta questões como corpo, mulher, prazeres e cultura de si. Seu pensamento está atrelado às temáticas desenvolvidas por Propércio e seus precursores, pois os poetas, através de suas obras descreviam diversos emblemas recorrente à sexualidade, bem como seus cuidados e perigos.

Em se tratando da sexualidade na antiguidade, estas questões como corpo e prazer são abordadas de forma conjunta, onde é necessário um equilíbrio para viver bem. “O perigo dessas paixões passageiras consistia em transformá-las em hábito e, com o hábito, deixar nascer o afeto. A sabedoria era, portanto, conseguir se esquivar dessa paixão que destruía patrimônios” (MARTINS, 2016, p.38-39). No quarto capítulo da Obra de Foucault, intitulado *O corpo*, há a questão do trabalho da alma “racional”, que como bem especificado pelo autor, trata-se de uma educação centrada na força da natureza e do corpo, onde o indivíduo precisa estar livre de desejos, decepções e agonias. Nas palavras do filósofo:

Não se trata, portanto, nesse regime de instaurar uma luta da alma contra o corpo; nem mesmo de estabelecer meios pelos quais ela poderia se defender face a ele; trata-se, para a alma, antes de mais nada, de corrigir-se para poder conduzir o corpo segundo uma lei que é a do próprio corpo (FOUCAULT, 1985, p.13).

Conforme esta abordagem, o livro remete a uma ideia de receita, que tem como propósito, nos alertar quanto a três elementos que segundo a medicina antiga, estamos sujeitos ao risco, pois fogem do nosso controle. São eles “o movimento do desejo, a presença das imagens, o apego ao prazer” Foucault (1985, p.137). Logo mais, entenderemos o significado desses elementos através das obras dos nossos poetas elegíacos. Por enquanto, trago aqui o complemento do que seria este trabalho de medicina

da alma, observamos aqui, os preceitos do *cuidado de si* pela ótica de Foucault (*apud* NASCIMENTO, 2017, p. 11):

De acordo com Foucault, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma “experiência” tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma “sexualidade” que abre para campos de conhecimento bastante diversos, e que se articula em um sistema de regras e coerções.

Atrelado a isso, percebe-se o empenho do filósofo em realizar um estudo acerca dessa sujeição do indivíduo à sexualidade e seus custos. Isto é, mesmo se tratando de uma necessidade em investigar esta temática (que poderia partir de uma questão empírica do filósofo) ela acaba alcançando qualquer indivíduo, que esteja a par destes conflitos, seja na modernidade ou não.

Observaremos agora o que seria *A presença das imagens*, que segundo o filósofo é um dos elementos que apresenta risco, e como ele está inserido na Literatura antiga. Essas imagens, serão portanto uma espécie de alegorias que interferem no processo do trabalho da alma, como veremos daqui a pouco. Por acreditar que essas imagens alegóricas como o olhar, que adentrava e adentra o íntimo de qualquer um, pois (é através do olhar que muitas vezes percebemos as emoções), o filósofo explica o que era considerado perigoso e como se deveria evitar:

Por isso mesmo, olhar, claridade, imagem eram considerados perigosos. Perigosos para o rigor dos costumes: o mesmo Propércio pensa que o impudor difundiu-se quando as imagens foram introduzidas nas casas. Perigosos também pelo próprio amor que pode ser ferido pela desgraça das imagens (FOUCAULT, 1985, p.

Neste pequeno fragmento, observamos alguns pontos levantados por Michel Foucault que estão presentes na poesia de Propércio, como sinais de refutar o amor e seu mal. Seria então uma forma de cuidado sobre essa doença o que o Poeta queria passar? Sendo Propércio um dos elegíacos mais submissos, que exerce a função do *seriutum amoris*. Terá feito ele um alerta durante suas lamentações? O que diz o filósofo sobre os demais poetas aqui mencionados? Sobre Ovídio, o filósofo diz que o poeta:

Recomenda a prudência para quem quer conservar o amor: “Não deixe a claridade penetrar por todas as janelas do quarto de dormir; muitas partes do nosso corpo ganham em não serem vistas durante o dia”. E de fato, mesmo a imagem cruel pode ser um excelente meio de se defender contra a paixão ou até para se livrar dela (FOUCAULT, 1985, p.141).

Um dos palpites do filósofo para tal conselho do poeta clássico é que na claridade podemos enxergar os defeitos do outro e isso possibilitaria a quem desejasse se livrar de um amor. Embora isso não está recomendado no famoso poema de Ovídio, Foucault se atenta a uma característica importante já debatida entre os filósofos sobre um certo pudor tradicional, onde as celebrações da *aphrodisia* se desenrolassem mais à noite do que na

luz do dia, pois se acreditava que se impregnava na alma aquilo que os olhos viam. Sobre isso, Foucault recorda em Plutarco o que fazer para evitar tal obstáculo:

Dentre as razões para fugir da claridade, há, para ele, a preocupação de evitar “as imagens de prazer” que constantemente “renovam” nosso desejo; a noite, ao contrário, ao ocultar da vista aquilo que nossos atos podem comportar de desejo insaciável e de élan enlouquecido, desvia e adormece a natureza e a impede de se deixar impulsionar pelo espetáculo sobre o escolho da luxúria” (PLUTARCO *Apud* FOUCAULT, 1985, p.140-141).

Percebe-se que o cuidado com que se evita estas imagens são os mesmos cuidados em relação a comidas que prejudicam o organismo e discursos que prejudicam a alma Foucault (1985, p.139). Tomando como base estas noções de cuidado, percebe-se que na Antiguidade, o cuidado de si dependia de questões externas e internas, em prol de um equilíbrio, exercendo a arte de viver bem.

Em suma “Por mais meticulosos e complexos que sejam esses regimes da atividade sexual, não se deve exagerar sua importância relativa. O lugar que lhe é concedido é limitado em comparação com outros regimes” (FOUCAULT, 1985, p.143). Esta assertiva apesar de aludir a o terceiro elemento que pode nos prejudicar além do interno “O apego ao prazer” traz a importância de reger o corpo e alma, afim de elaborar um cuidado necessário para se livrar das importunações das potências como razão, vontade e também o amor.

Para adentrar à segunda base filosófica que compõe esta discussão encerraremos com o real propósito do trabalho da alma, segundo o filósofo. Sendo assim, ele encaminha qual a função que devemos exercer:

A alma racional tem, portanto, um duplo papel a desempenhar: ela terá que fixar para o corpo um regime que seja efetivamente determinado pela natureza do corpo, suas tensões, o estado e as circunstâncias em que se encontra; mas ela só poderá fixá-lo corretamente com a condição de ter operado sobre si mesma todo um trabalho: ter eliminado os erros, reduzido as imaginações, dominado os desejos que lhe fazem desconhecer a sóbria lei do corpo (FOUCAULT, 1985, p.136).

A segunda fonte filosófica que buscou-se para complementar estes caminhos para a cura do mal do amor foram os conceitos a respeito do Epicurismo. Repassaremos aqui, breves lições desta filosofia, considerando sua crença: a busca de prazeres moderados. Epicuro (341 a.C- 270 a.C) natural de Samos (Grécia), foi um importante filósofo da era helenística e sua arte tinha como propósito alcançar a felicidade, isto é, obter a paz da alma.

De acordo com Gomes (2003, p.147) “Em Epicuro, encontramos uma ética voltada para a busca do prazer. Este é entendido como ausência de dor e de inquietação, a *aponía* e a *ataraxía*”. Esta noção de ética além de ensinar como enfrentar as agonias da

alma tem como principal base, uma das cartas de Epicuro. A *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Esta carta abrange princípios criados pelo Epicurismo a fim entender a vida e suas agonias, agarrando-se aos conceitos como cultivar a amizade, prazer equilibrado para então viver uma vida feliz e livre de agonias internas.

Dentre os conceitos que se preza para que se alcance a *ataraxia*, está o combate ao desejo, umas das maiores potências que influenciam o estado de espírito do ser humano. “Em sua carta acerca da felicidade, Epicuro alertou sobre estes riscos, que deveriam ser motivo suficiente para que o homem rejeitasse tal prazer, quando se pressupõe que este pudesse vir a lhe causar a dor” (RODRIGUES, 2020, p.36). vejamos o que diz Epicuro sobre estes desejos:

Dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis;
dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais;
dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros ainda, para a própria vida. e o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para saúde do corpo e para serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo” (*Carta sobre a felicidade*. p.35).

Epicuro acredita que chegando a este estado de discernimento acerca do desejo, estaremos propício obter a satisfação da suavidade do espírito. O que está imposto neste tramite é que, seguindo esses preceitos todo tormento e dor interna serão erradicados.

Percebe-se a importância desta doutrina para esta pesquisa, na medida em que por um lado se estuda o teor das elegias, onde se canta as desgraças vividas por amores não supridos, por outro, se ensina, através de escolas filosóficas como viver livre do peso desses prazeres. Ambas são herança do período helenístico, onde os pensadores dedicavam-se a ensinar suas artes, conforme suas experiências. Assim sendo, veremos um dos motivos que levou Epicuro a fundar esta filosofia, segundo Gomes (2003, p.150):

[...]Outra referência sugere sua sensibilidade ao tema da dor física e psíquica e, ao mesmo tempo, da inutilidade - e do erro - dos homens pedirem os favores dos deuses: “Epicuro andava juntamente com sua mãe pelas casas de pessoas pobres recitando fórmulas expiatórias” (Id, Ibid, 4).

Por fim, depois de levantar também as questões de prazeres do bem e prazeres do mal, um dos seus últimos conselhos a Meneceu acerca da felicidade, está na condição de pôr em prática os seus ensinamentos. Assim como Ovídio ele não aconselha que acabe com todos os prazeres mas que verifique se este não lhe traz paz:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos
Aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo
Dos, sentidos, como acreditam certas pessoas eu ignoro que ignoram
nosso pensamento ou não concordam com ele
Mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma.
Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse

De mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das iguarias de
Uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso
Que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que
Remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação
Toma conta dos espíritos. De todas essas coisas, a prudência é
O princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a
Própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes;
É ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça,
E que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade”

(*carta sobre a felicidade* 43-46).

A respeito deste ciclo sobre corpo, alma e mente seguimos com este complemento:” Para tanto, na busca da obtenção dessa finalidade, deve-se procurar a moderação, o comedimento, pois o excesso implica a existência da possibilidade do sofrimento, logo, da dor” (OLIVEIRA,2010, p.105)”. Em consonância a isso, podemos observar em nossos poetas

Constata-se que o filósofo grego mantém forte influência sobre seus ensinamentos sobretudo nos poetas romanos, assim, podemos entender que:

Os epicuristas acreditam no dever de diferenciação entre os diversos tipos de prazeres, selecionando-os e tendo a sabedoria de dosá-los. O prazer a ser buscado deve ser um prazer refletido e avaliado pela razão, não aquele procurado pelo homem comum, mas o perseguido pela prudência e sabedoria filosóficas. As escolhas feitas pelo homem devem partir do entendimento sobre os tipos de prazeres. O mesmo também deve dominá-los, não admitindo que eles o dominem (OLIVEIRA, 2010, p.107).

Considera-se estes dois conceitos aqui abordados como principal caminho, formulado por este estudo, no que tange os caminhos para o mal do amor. Embora as influências de Epicuro nos induza a viver de um jeito simples e de harmonia com a natureza, é válido também dar atenção à uma de suas cartas aqui já apresentada sobre a necessidade de viver com prudência, assim saberemos quando houver riscos. Portanto não se trata de evitar prazeres, mas de saber aproveitá-los na medida certa.

2.2. CONJECTURAS DE *REMEDIA AMORIS*: A ARTE DA CURA

O conceito de remédio definido por Ovídio em seu poema *Remedia Amoris* compreende pensar que se o amor é nocivo, necessita de uma cura. Este poema, segundo Carlos André (2010, p. 93) “desdobra-se, por isso em, preceitos, numa elaboração de cariz didático não menos arquitetada do que aquela que subjaz à *Arte de Amar*”. O poeta, sendo ele um *Magister Amoris* se preocupará em ensinar as lições que libertam o amante enfermo de seu mal. “O eu poético dos poemas didáticos costuma afirmar, em variadas

passagens, sua função como professor e detentor do conhecimento e da experiência necessários para cumprir a empreita a que se pretende, a de ensinar” (OROSCO,2016, p.138).

A respeito dessa noção de estilo didático que o poema agrega, cabe aqui, nesta análise trazer um pontos a serem abordados sobre esta característica, uma vez que o poeta já se colocou em posição de Mestre, em suas primeiras obras. Assim sendo, Orosco (2016, p.73) aponta que:

O didatismo de *Remedia amoris* seria uma espécie de generalização de um recurso já presente na elegia erótica romana. Ou seja, havendo, nas elegias romanas, recorrentes traços da poesia didática, conforme apontamos em diversas passagens deste estudo, *Remedia* seria composto, como cremos, a partir de um esgarçamento desse procedimento (a saber, do eu poético que passa de amante a *magister*), constituindo-se, assim, didático.

Além dessa característica do poema, por várias vezes, o poeta reitera a tese de que o amor possui alegrias e tormentos. Ora, o poeta diz que se alguém ama e esse amor é correspondido, que se aproveite a reciprocidade; mas se sofre pela indiferença e desprezo de sua parceira é importante que se dê atenção a esta arte. E assim segue o roteiro de conselhos lançados pelo poeta:

Siquis amans, quod amare iuuat, feliciter ardet,
Guadeat at uento nauiget ille suo;
At siquis male fert indignae regna puellae,
Ne pereat, nostrae sentiat artis opem (*Rem.* 25-28).

Se alguém ama e esse amor lhe dá prazer,
Goze feliz dessa paixão e navegue a favor do vento.
Mas se padece as imposições de uma garota ingrata,
Prove, para que não pereça, a assistência da nossa arte.

Ao longo dos 814 versos, a obra é cautelosamente carregada de orientações com referências a personagens de história de amor em Roma, que tiveram um triste final por se deixar levar pelo *Morbus Amoris* como bem enfatiza Lopes (2010, p.140) “imediatamente, o poeta recorre, como já havia feito na *Ars*, aos exemplos mitológicos para provar que, se tivesse prescrito e proposto seus medicamentos antes, Fílis, Dido, Pasífae, Fedra e Páris, por exemplo, não teriam sofrido ou morrido”:

Vtile propositum est saeuas extinguere flamas
Nec seruum uitii pectus habere sui.
Vixisset Phyllis, si me foret usa magistro,
Et per quod nouies, saepius isset iter,

O proveito que se busca é apagar as cruéis chamas
e não deixar o coração escravo de seu mal.
Fílis teria vivido, se me tivesse tido como mestre,
e o caminho que fez por nove meses,
mais o teria feito; (*Rem.* 53-56).

Pautemos agora primeiramente os elementos nocivos deste sentimento, que segundo Ovídio se não forem tratados a tempo, precisarão de sua arte para reparar o mal. Dentre esses elementos, se encontra os perigos da ociosidade. Ovídio afirma que a ociosidade é um mal que acomete o ser humano. Este mal, se não cuidado, levará o amante ferido a seu total declínio:

Quaeritis Aegisthus quare sit factus adulter;
In prompt causa est; desidiosus erat.
[...] Siue foro, uacuum litibus Argos erat;
Quod potuit, ne nil illic ageretur, amauit.
Sic uenit ille puer, sic puer ille manet (Rem. 161-162; 166-168).

Quereis saber por que Egisto se tornou adúltero?
A razão é clara: estava ocioso
[...] no foro, em Argos, não havia nenhum litígio
para ficar sem fazer nada, fez o que pôde: amou.
É assim que chega essa criança, assim é que
Essa criança fica.

Sobre este perigo, podemos encontrar uma semelhança no livro de Catulo, quando ele também alega que o ócio é a principal causa de riscos fatais, seja homens comuns, governantes ou da nobreza, a ociosidade é igual em todo canto:

Otium, Catulle, tibi molestum est;
Otio exultas nimiumque gestis.
Otium et reges prius et beatas
Perdidit urbes (Cat. 51.13-16).

O ócio, Catulo, te faz mal;
No ócio te exaltas e te excitas demasiadamente.
O ócio, outrora, a reis e prósperas
Cidades levou à ruína.

A solidão também passar a ser um ponto a ser discutido, no poema de Ovídio, embora seja uma possibilidade do ser humano, ela se junta aos fatores negativos que prejudicam o estado emocional da pessoa cuja está ferida no amor. Nas palavras do poeta, estar sozinho nestas condições contribui para uma piora no processo de superação. “Tristis eris; si solus eris, dominaeque relictæ | Ante oculos facies stabit, ut ipsa, tuos” (Rem.583-584) «Estarás triste, se estiveres só; e diante dos teus olhos. Vai-se plantar, como em pessoa, o semblante de tua amada abandonada».

Seguiremos agora para a parte em que Ovídio oferece sua arte como remédio para as importunações amorosas. Nesta parte, veremos que aqueles pontos nocivos serão transformados em cuidados extremos, algo que se deve evitar com todas as forças. Vale lembrar que o poeta agora não deixa de acreditar no amor, mas passará a agir pela razão para que possa obter a cura “O poema ovidiano não é, pois, um crime (*sceleris*, v. 3) contra o *Amor*, prova disso é que o vate ainda ama (v. 8). O amor de Ovídio, porém,

apoia-se agora na razão (o que viabiliza sua posição como *magister*)” (OROSCO, 2011, p.406).

Esta assertiva de Gabriela Orosco nos faz compreender que não é o poeta em si que está encarregado de reverter a doença do amor, mas sim o poema. “Assim sendo, o *magister amoris* não é Ovídio, apesar de apresentar algumas das características dele, é sim uma *persona* poética construída de forma a atender às necessidades do gênero elegíaco” (GONÇALVES, 2019, p.61). Notoriamente a arte do poeta fala por si só e está à disposição do amante doente para que o mesmo beba da fonte e cure suas feridas.

Com isso o que o poeta pretende é “ensinar ao aluno o domínio da paixão, desta vez, tomando o sentido contrário, libertando seus alunos dos desígnios do amor. Para tal, cada um deve colaborar para a própria libertação” (GONÇALVES, 2019, p.70). Desta forma o poeta “chama os jovens que apaixonados e que se sentem iludidos para aprender com ele, a mesma pessoa que os ensinou a amar, a esquecer o amor, oferecendo ao mesmo tempo doença e remédio” (GONÇALVES, 2019, p.70).

Embora esbarremos um pouco na construção do *Magister* e toda a capacidade do poeta em formular noções de um remédio para acalantar a alma, o que está posto aqui é a importância dos preceitos descritos no poema, bem como a investigação de seus benefícios para amenizar ou curar a doença do amor.

Sendo assim, daremos continuidades agora com as formas de combate à doença do amor, segundo o poema. Dentre os pressupostos de *Remedia Amoris*, a priori, está a questão da indiferença como arma deste combate:

Frigidior glacie ffac uideare tuae,
Et sanum simula, ne, siquid forte dolebis,
Sentiat, et ride, cum tibi flendus eris (Rem. 492-494).

Procura parecer bem frio à tua amiga;
Finge estar são; se por acaso sentes alguma dor,
Que não venha ela a perceber, e ri, quando devesse chorar.

Além destas palavras o poeta afirma que não é preciso romper de vez com a paixão, pois sua arte não é assim tão dura, pede apenas que simule estas práticas até que elas se tornem verdade. Segundo Teixeira (2015, p.23) “para alguns filósofos, agir indiferentemente, sem que seja prescrito por alguém, livre de qualquer influência, é agir livremente”. Este pensamento é oriundo de um estudo da carta de Descartes a Mesland (1644), numa discussão básica acerca da indiferença, onde fatores como faculdade da vontade e da razão são citados com o embasamento de que a indiferença é definida pela

liberdade determinante em não assentir algo, um equilíbrio entre razão e vontade, algo totalmente inerte e sem obrigação.

A assertiva acima nos faz refletir se, de fato, a indiferença consiste em não se posicionar nem para um lado, nem para o outro e apenas ignorar o comportamento da pessoa amada, então, haverá aí um rompimento com a influência do amante. Isso coincide com o que o poema que apresentar por meios de suas lições, visto que na medida em que se ignora os atos da pessoa amada, logo estará curado da influência dela. Sendo assim, além de ensinar a passar por cima dos próprios sentimentos e ignorar o parceiro, essas lições também reiteram uma certa reeducação emocional, de forma que o amante volte a exercer a liberdade.

Desta forma, o primeiro ensinamento que *Remedia Amoris* apresenta é que somos capazes de combater a dor causada por paixões não correspondidas, ou até mesmo traições de uma pessoa, por meio da indiferença, mitigando assim a tristeza e resgatando aos poucos a liberdade emocional. Em consonância a isso, temos a seguir o segundo conselho imposto pelo poema, o de focar nos defeitos da pessoa que seria a causa da doença. Como se pode observar, o poema é uma espécie de cronograma sobre o que se deve fazer para cessar de uma vez o sofrimento pela amada, isso inclui dar evidência aos defeitos desta pessoa, com o intuito de enganar a mente:

Turgida, si plena est, si fusca est;
[...]Exige uti cantet, siqua est sine uoce puella;
Fac saltet, nescit si qua mouere manum.
Barbara sermone est; fac tecum multa loquatur (*Rem.* 327; 333-335).

Diga que é gorda, se é cheinha;
[...] Exige que ela cante, se não tem voz;
Faz que dance, se nem as mãos sabe levantar.
Incorreta é a sua linguagem? Faz que a
Converse muito contigo.

Percebe-se até aqui o seguinte: se antes as recomendações eram para conquistar e persuadir o amor e a paixão, neste poema, as ordens que se inserem são para erradicar a dor e a agonia oriundas das paixões, Segundo Carlos André (2010, p.94):

A leitura de todos estes preceitos parece revelar estarmos perante uma retractação, um quase acto de arrependimento. A larga maioria destas recomendações contraria, um por um, os conselhos dados na *Arte de Amar*, onde se recomendava a presença assídua, as cartas de amor, a frequência de espetáculos públicos, o passeio por pátios, as ausências de pouca duração, a procura do prazer mútuo, o esforço para agradar, numa palavra, a arte do galanteio. Por outras palavras, o poeta que celebra o amor e o prazer parece apostar-lo em abominá-los. O poeta que exaltava a mulher mostra-se empenhado em rebaixá-la.

O objetivo do *Magister*, seria então fazer dessas práticas um hábito. Esse processo de reconstrução leva tempo, para isso, o poeta acrescenta que o amante não deve

perguntar quantas coisas foram superadas, mas quantas ainda faltam; reiterando também que isto exige tempo e paciência. Nas palavras do poeta “não existe magia ou sortilégio para essa cura”. Fica evidente que o poeta quer alertar que o caminho da cura é árduo, por isso, seus conselhos são de grande austeridade. “Nulla recantatas deponente pectora curas, [Nec fugiet uiuo sulfure uictus amor” (Rem. 259-260), «Nenhum coração se livrará de suas aflições por exorcismos e o amor não irá fugir graças ao enxofre vivo».

Nesta prática de focar nos defeitos da amada, o poema tenta mostrar que uma das formas de se curar das conturbações do amor, é se enganando – procurando as imperfeições. “Não se trata de combater o amor em si, mas sim de combater o amor que arrebatou, que exclui o amante do mundo, que faz sofrer, pode levar a loucura e até à morte” (CONTE *Apud* OROSCO, 2011, p. 401). Portanto, devemos observar, segundo o poeta que o amante que tornar estas práticas em hábito, logo elas se tornarão verdade e então o doente estará curado.

Para o seu terceiro conselho, selecionamos aqui o combate ao ócio que foi um ponto nocivo destacado no começo desta análise. Aqui foi mencionado que este elemento é capaz de causar destruições, as principais tragédias, segundo o poema, aconteceram porque os homens estavam ociosos. Pois bem, sobre os perigos do ócio, o conselho de Ovídio é manter-se ocupado, já que a ociosidade pode trazer o sujeito à ruína:

Da uacuae menti, quo teneatur, opus.
Sunt fora; sunt leges; sunt, quos tuearis, amici;
Vade per urbanae splendida castra togae;
Vel tu sanguinei iuuenalia murena Martis
Suscipe; deliciae iam tibi terga dabunt. (Rem. 150-154).

Dá à tua mente livre um trabalho com que se ocupe
Há os tribunais, há as leis, há os amigos a defender.
Percorre os arraiais luzentes da toga urbana ou
Assume os serviços juvenis do sangrento Marte, e logo
Os teus amores te darão as costas.

O poema segue a linha de orientação sobre os diversos tipos de ocupação que se deve fazer, desde a pesca à caça. Fica evidente o propósito destes conselhos: o desaprender a amar. Ora se este amor lhe traz contendas, deixe que vá. O método da prática tem sido o caminho destes três conselhos. Mas isso não quer dizer que o poema influencia a não amar, ao contrário, ele ensina que se faz bem, deve permanecer, mas se traz padecimento, os mesmos devem ser combatidos.

Neste contexto se insere o quarto conselho proposto no poema, o da multiplicidade de parceiros como método de se livrar dos males do amor. O poeta compara que assim como os rios que não possuem apenas um canal, os homens não devem possuir apenas um amor, deste modo, cabe em seu livrinho as recomendações:

Hortor et ut pariter binas habeatis amicas;
Fortior est, plures si quis habere potest.
Secta bipartito cum mens discurrit utroque,
Alterius uires subtrahit alter amor (Rem. 441-444).

Eu te aconselho igualmente a que tenhas um par de amantes;
Se alguém consegue ter mais, está mais forte.
Quando o coração, dividido ao meio,
Corre para um outro lado, um amor priva o outro de sua força.

Com obras acerca da conquista, do prazer e da liberdade, há várias especulações de que os Remédios do amor tenha sido escrito para reparar as artimanhas do poeta e excesso de ousadia, visto que algumas de suas obras eram consideradas imorais naquele tempo: “Há, porém, uma segunda razão por detrás dos *Remedia*, talvez não menos importante do que a primeira: justificar-se e desculpar-se por ter composto poemas desregrados e imorais; ou por outra, contrariar a censura que lhe era feita de que sua Musa seria licenciosa (vv.361-364)” (ANDRE, 2010, p.93).

De qualquer forma, o que o poema didático de Ovídio sugere é a sensatez como caminho, buscando sempre um equilíbrio formado por noções de defesas, que naturalmente é algo do ser humano. Ele opera sob um equilíbrio, através da sua arte de cura, seus remédios são ocupações, multiplicidade de parceiras (os), indiferença, tudo isso na espera de suprir os desejos do corpo, através de seus ensinamentos e assim evitar as doenças da alma.

“Ovídio não é um médico propriamente dito, nem os *Remedia* são um tratado médico, conquanto seu autor assim alegadamente os pretenda. A escolha do poeta por um método prático faz sentido no contexto de sua empresa poética” (MOURA, 2018, p.168). Esta expressão delega uma definição do que seria o poema do autor e sua posição, embora Ovídio se intitule médico e use literalmente termos da medicina, ele está fazendo alusão à sua arte que vem a ser um remédio para doentes.

Contudo, mesmo com críticas e questionamentos a esta obra, buscou-se aqui trazer minuciosamente cada um desses preceitos e sua importância para a prática de uma vida em equilíbrio, a regra é que se deve meditar esses preceitos até que eles se tornem verdadeiros e assim libertando o *Morbus Amoris*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como, de fato, comprovamos no percurso desta pesquisa, há muita similaridade entre os cantos dos poetas, o amor exacerbado está presente como fator principal que dá vida a essa temática. A elegia, se caracteriza por ter um traço melancólico, embora nem toda elegia fala só de sentimentalismo, aqui buscou-se fazer o melhor recorte possível para coincidir com o tema, pois os poetas também cantam outras coisas como campos, guerras e pátria.

Este estudo sobre o mal do amor na poesia Latina, possibilitou traçar pontes entre os sintomas da doença do amor e seus respectivos remédios. Foi possível adquirir um método de reeducação emocional, com o auxílio de *Remedia Amoris*, reflexos do epicurismo e Cuidado de si. De modo que para uma vida cheia de anseios e desejos saudáveis, é necessário que possamos dar uma checada se estamos praticando a prudência.

Além da análise de cada tema proposto no primeiro capítulo, buscou-se as repostas por meio dos próprios excertos e da colaboração de um conjunto teórico que abordasse sobre a mesma temática, é caso do termo *seruitium amoris* que está inserida na característica similar dos poetas, ou seja, em algum momento todos eles a serviram ou gostam de ser servos de suas donas.

Embora a questão do *persona* esteja presente, é importante se desvencilhar da vida do poeta, pois não sabemos ao certo se tudo é poesia ou se os poetas realmente falam de suas vidas. Em suma, estima-se que os objetivos propostos tenham sido alcançados, bem como a real intenção do trabalho.

De acordo com a interação teórica, na primeira análise foi possível averiguar e compreender o que dizem a respeito de Propércio. Pontos como passividade do poeta em relação à sua bela dona foram constatados, assim como em Catulo, na segunda análise. Seus poemas mostram seu completo desvario e obsessão por Lésbia, há quem diga que eles gostavam do tratamento um do outro. Em muitos momentos Cíntia e Lésbias são extremamente ardilosas.

Da análise da poesia de Tibulo destaca-se sua brandura para com o campo, ele compara que os momentos bons com ela são como no campo, é tudo equilibrado até que as traições apareceram. Mas por Márato o poeta sofre bem mais, ao ponto que pede para que o rapaz não o engane. Em Ovídio o suporte teórico não foi tão variado, mas conseguimos abarcar com êxito a temática sugerida. O poeta mais “lascivo” segundo

alguns teóricos também não passou impune das agonias do amor, mesmo que descrevendo em alegorias, o poeta dá indício de que também passou por esses tormentos.

Sobre o segundo capítulo, buscou-se construir cautelosamente uma receita tal qual como a de Ovídio, com o suporte da filosofia epicurista e do cuidado de si, de Michel Foucault, afim de formular os tão esperados caminhos para a cura deste mal. Não esquecendo da *Carta da felicidade (a Meneceu)* e do *Remedia Amoris* que trouxeram importantes lições a serem estudadas para se alcançar o mais perfeito estado de espírito.

Assim, consideramos até aqui o que fora proposto e o que se cumpriu. Fazer esta ligação de conceitos, foi um desejo não só pelo nome, mas pela necessidade que foi observada, a partir do contexto da doença do amor- *Morbus*. Acredita-se que a filosofia tenha um arsenal de saberes a serem acrescentados em qualquer âmbito da sociedade e na literatura não é diferente.

Logo, o que se espera desta pesquisa é que ela tenha contribuído como um estudo a mais acerca do amor e do seu mal, no âmbito da Literatura Latina. Assim, como se viu, muito antes dos conflitos amorosos contemporâneos, muito antes dessas temáticas serem postos em músicas e outro tipos de arte, os poetas clássicos já cantavam seus males e a filosofia já ensinava a viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTORES CLÁSSICOS

- CATULO, **O cancionero de Lésbia**, trad. Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991.
- EPICURO, “Carta a Meneceu” in **LAÉRCIO, Diógenes. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- ___, Carta sobre a felicidade: (a Meneceu) trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- OVÍDIO, **Amores & Arte de amar**, trad. Carlos Ascenso André. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.
- ___, **Amores** «Livro I», trad. Carlos Ascenso André. Lisboa: Cotovia, 2006.
- ___, **Os remédios do amor**, trad. Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- PROPÉRCIO, **Elegias de Sexto Propércio**, trad. Guilherme Contijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- TIBULO, **Elegias de Tibulo: Tradução e Comentário**. Trad. João Paulo Matedi Alves. Espírito Santo: UFES, 2014 (tese policop.).
- ___, **Poemas (cantos de amores)**, trad. Carlos Ascenso André. Lisboa: Livros Cotovia, 2015.

APOIO TEÓRICO

- ANDRÉ, Carlos Ascenso. **Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e poesia latina do século I a.c.** Lisboa: Cotovia, 2006.
- ___, “Tanto de meu estado me acho incerto”: contradições do amor, de Catulo a Ovídio. **Ágora. Estudos Clássicos em debate** 7 (2005), pp. 37-63.
- ___, Introdução. In: **Amores & Arte de amar**. Porto Alegre: Penguin Classics, Companhia das letras. 2011, Pg. 78.
- ___, Introdução. In: **Tibulo: Poemas (cantos de amores)**. Lisboa: Livros Cotovia, 2015. Pg.32.
- ___, “Da terapêutica à subversão do protocolo” in PIMENTEL, M.C.S, (coord) **Sociedade, poder e Cultura no tempo de Ovídio**. Coimbra: CECH, 2010. p.91-100.
- AGGIO, J.O. “A educação do desejo”. In: **Prazer e desejo em Aristóteles**. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 143-249.
- BARRENECHEA, Miguel Anjo. “Duas Perspectivas sobre o amor: Platão e Schopenhauer” in **III Colóquio Nietzsche da UNB** 7 (2015) p. 135.

- BARBOSA, Renata Cerqueira. “Ovídio e o ideal de Puella docta na Elegia Erótica Romana” **Heródoto: Revista Do Grupo De Estudos E Pesquisas Sobre a Antiguidade Clássica E Suas Conexões Afro-asiáticas** 1. (2016). P.299-320.
- CARDOSO, Ana Sabrina Lopes. **O épico da poesia elegíaca: Uma análise do livro I dos Amores, de Ovídio**. João Pessoa: UFPB, 2021 (monog. policop.).
- DESCARTES, René. “Carta de Descartes a Mesland- Leida, 2 de maio de 1644”. **Modernos & Contemporâneos- International Journal of Philosophy** 2 (2017), p. 214-218.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- GOMES, Tauria Oliveira. “A ética de Epicuro: um estudo da Carta a Meneceu” **Revista Metanoia** 5 (2003) p. 147-162.
- GONÇALVES, Marice Aparecida. **Erotodidática e Entrelaçamento Genérico na Construção do Magister Amoris em Ovídio: Arte de Amar, Remédios do amor e Cosméticos para o Rosto da Mulher**. Mariana: UFOP. 2019.
- GONÇALVES, José Miguel Tomé. **O poeta, a amada e o rival: contributos para um retrato**. Lisboa: Clássica Brasil, 2008.
- LOPES, Cecília Gonçalves. **Confluência genérica na Elegia de Ovídio ou a Elegia Erótica em elevação**. São Paulo: USP. 2010.
- MARTINS, Maria Helena Aguiar. **A elocução do amor em Tibulo**. Fortaleza: UFC, 2016.
- MEDEIROS, Walter de. **O canto das Fontes: Hélade e Roma**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- MONTAGNER, Ailton Ceolin. **A elegia em Roma: Sexto Propércio**. Rio de Janeiro: Principia, 2020.
- MONTEIRO, Beatriz Sobral. **Os caminhos e os descaminhos da Leitura de Propércio Livro I- Elegias I, II, VII e XII**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MORAES, Dax. **História Filosófica do amor: Ensaio para uma nova compreensão da essência do amor humano**. Natal: EDUFRN. 2019.
- MOURA, José Carlos Vicentini. “Religião e Medicina nos Remedia Amoris de Ovídio” **Língua, Literatura e Ensino** 15 (2018) pp. 160-175.
- NASCIMENTO, Cláudia Regina Antunes do. **O conceito de “cuidado de si na perspectiva de Michel Foucault**. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- NOGUEIRA, Homero Osvaldo Machado. “*De Tibulli Puellis*”. **Língua e Literatura** 19 (1931) p. 39-50.
- OLIVEIRA, Francisco de. “Amor na sátira de Horácio e seus predecessores” in PEREIRA, M. H. R., (coord). **Horácio e a sua Perenidade**. Coimbra: CECH. 2009. p. 21-53.

- OLIVEIRA, Roberto Arruda de. “Cíntia: A *fides* no amor”. **Alétheia Revista; Antiguidade e Medieval**, 2014, 98-109.
- OLIVEIRA, Sandra Verônica Vasque Carvalho de. “Filosofia epicurista: reflexos e inspirações”. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU** (2010), p. 103-118.
- OROSCO, Gabriela Strafacci. “O amor como doença nos Remedia Amoris de Ovídio” in **XVI Seminário de Teses em Andamento** 5 (2011) p.400-411.
- _____, **Os preceitos Ovidianos: um estudo de remedia amoris de Ovídio**. Campinas: SN. 2016.
- PICANÇO, Elimary; SOUZA, Adriana. “A similaridade de Catulo e Propércio” **Anais da I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas: Cultura Clássica e Gramática ocidental & VI Encontro de Professores de Latim** (2016), p.68-77.
- RODRIGUES, André Luís Martins. **Reflexos do Epicurismo na poesia de Horácio**. Parintins: CESP-UEA. 2020 (monog. policop.).
- SOUZA, Evandro Albino. “Elegia amorosa romana e lírica trovadoresca: Percursos da temática amorosa da antiguidade à baixa idade média” in **Cadernos Neolatinos** 2 (2017). Pg. 49-62.
- TEIXEIRA, Suellen Caroline. “A indiferença é um grau de liberdade”. **Multi Science Journal** (2015), p.22-29.
- VEYNE, Paul. **A elegia Erótica Romana- O amor, a poesia e o Ocidente**. Trad. Milton Meira do Nascimento; Maria das Graças Souza de Nascimento. Brasiliense, 1985.